

Índios

Em Peruíbe, a miséria dos últimos guaranis

Enquanto raspa a superfície de uma flauta de bambu, Gino conta ao chefe do posto da Funai em Peruíbe, Ronaldo Lima de Oliveira, a última ameaça: Avelino Seguro, o espanhol dono do alambique que funciona dentro da reserva indígena, disse que vai trazer um engenheiro e um topógrafo para dividir a terra.

Acostumados a injustiça dos "civilizados", pelos quase quatro séculos de contato de sua cultura com eles, esses 111 remanescentes Guaranis que moram em Peruíbe não duvidam de mais nada. Assim como Seguro planta cana e fábrica cachaça há 9 anos em território indígena, ele é bem capaz de se meter a dividir a terra onde estão as 34 casinhas de madeira que a Funai construiu há algum tempo.

Ronaldo vive longe da mulher e da filha (que moram em Brasília) e trabalha nessa reserva há cerca de um ano e meio, mas já se sente "queimado" ante os índios: "Estou cansado de fazer relatórios, a Funai sabe da presença desse espanhol do alambique, sabe que os índios estão em estado adiantado de desnutrição, que não têm sementes para plantar, que nem sequer a terra está demarcada, mas até agora não aconteceu nada. Os índios, você sabe como eles são, não acreditam em palavras, só em fatos. E eu só tenho palavras para lhes oferecer."

Gino é um dos exemplos mais típicos do processo de morte física e esfacelamento cultural dos índios de Peruíbe: "É melhor fazer artesanato do que pedir esmola ou roubar, não acha?" Ao lado dele, sua mulher (não tem nome, escolhe o que mais gosta com muita frequência) tece cestas de 20 ou 30 centímetros de altura e cuida de um bebê, filho de ambos. As cestas usadas originariamente, diz Gino, eram da altura de um homem, davam pra carregar mais ou menos 60 quilos de milho (auachi). Mas os turistas gostam é dos pequenos, mesmo. O mesmo acontece com arcos, flechas e lanças, que medem entre 50 centímetros e um metro.

"A caça, a pesca e a roça? A gente não tem força pra essas coisas", diz Gino. Comendo só banana, quem pode pegar na enxada? Quando as coisas melhoram um pouco, e se vende mais artesanato, dá pra comer um pouco melhor, vou até a prala e pego alguma coisa. Agora não estou indo, pois uns ratos levaram meus anzóis."

"É melhor a gente fazer artesanato do que sair roubando"

Essa situação é quase a mesma de todas as 18 famílias da reserva. Os amplos bananais em volta — e apenas duas plantações dentro da reserva — fornecem o alimento para o ano inteiro: banana cozida pela manhã e frita à tarde. Como muitos não tem força ou dinheiro para vir à cidade vender o artesanato (são poucos os turistas que vão até lá para comprar) eles acabam vendendo a Leonardo, um Guarani que se deu bem na vida e mora na cidade de Peruíbe, a cerca de 10 quilômetros dali. Leonardo compra tudo por um preço baixíssimo e vende bem caro na feira da Praça da República.

Esse exemplo extremo — o de Leonardo — mostra outra causa (desta vez interna) da morte desses índios: a falta de solidariedade e espírito comunal, existente em todos os grupos primitivos. Há muitas brigas internas, filhos que ameaçam os pais de morte, primos que se odeiam — há de tudo. Quando um deles fica bêbado (compram cachaça em algumas "vendas" das redondezas, mas nunca do espanhol, muito antipático) o perigo é maior: agressões de todo tipo correm a aldeia. Ronaldo já teve até que chamar a polícia para contar um índio que queria matar seu irmão. As duas famílias em melhores condições na "comunidade", a de João Samuel e a de João Gomes (o curandeiro do local) têm seus terrenos demarcados. João Gomes chega a contratar "civilizados" e índios para o trabalho na sua roça de banana. João Samuel construiu uma cerca em volta de sua casa e chama o terreno em que "plantou de meu sítio". Um dos parentes de Samuel quis impedir um terceiro parente de plantar em uma área que dizia ser sua.

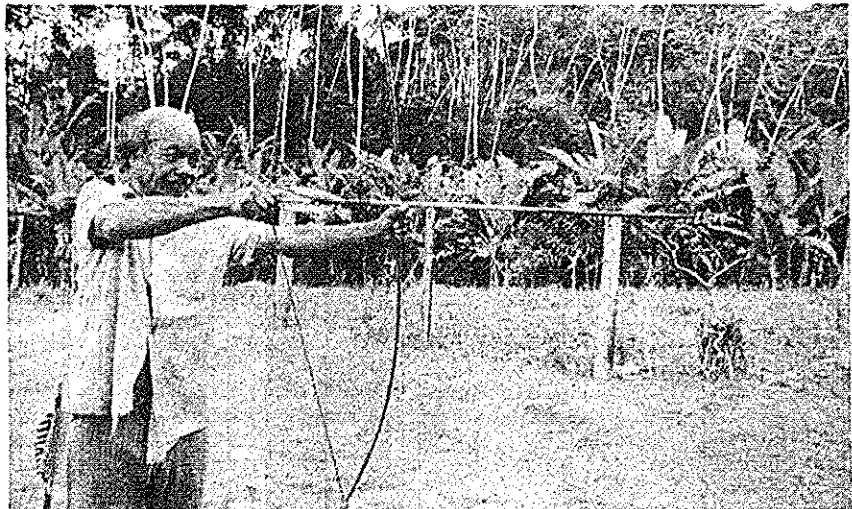
A falta de solidariedade talvez seja o aspecto mais grave da perda da identidade cultural. Mas não é o único. João Eugênio, 76 anos, e Júlio Eugênia, 82, os mais velhos do lugar, sentem muita falta dos rituais tradicionais indígenas. "Hoje em dia, os índios só querem saber de baile", diz Jose Eugênio. Gostaria de ensinar o ritual do "Mongaray", no qual se faziam os casamentos, se batizavam as crianças e se dava nome às pessoas. Mas ninguém quer aprender. Alguns já desapareceram até a língua.

A religião desses índios é uma mistura do foganismo de seu grupo antigo com a macumba. João Gomes, o curandeiro, é o especialista na cura de mordidas de cobras e em levantar "espinhela caída". Ele mede o antebraço das pessoas e mais a mão esticada e soma esse comprimento ao da parte dianteira do busto. O resultado deve coincidir com a o perímetro do torax.

Rachel Regis.



A mortalidade infantil é quase 20 por cento.



A caça abandonada, a roça impossível, os bananais cercam sua vida.



Aos jovens, valores impostos



Sem forças até para fazer farinha



Na memória dos velhos, a identidade perdida

Em geral, esta última medida é uns quantos dedos inferior à primeira medida: é a espinhela caída, "um mal que aflije a humanidade quase inteira — diz João — só que todo mundo fica procurando explicações em outras coisas. Mas quando a pessoa fica com muita dor de cabeça e dor nas costas, asma, bronquite e outras doenças, não adianta nada tomar remédio sem corrigir a espinhela. O tratamento é assim: eu faço um movimento brusco nesse osso do meio do peito — aliás quem faz não sou eu, mas é Deus. Daí, a pessoa precisa deixar de fazer movimentos pesados tantos dias quantos anos de vida tenha. As poções antidotos de cobra e outras para doenças, João já está cansado de dar: "As vítimas depois ficam duvidando, acham que, afinal, não foi cobra que mordeu".

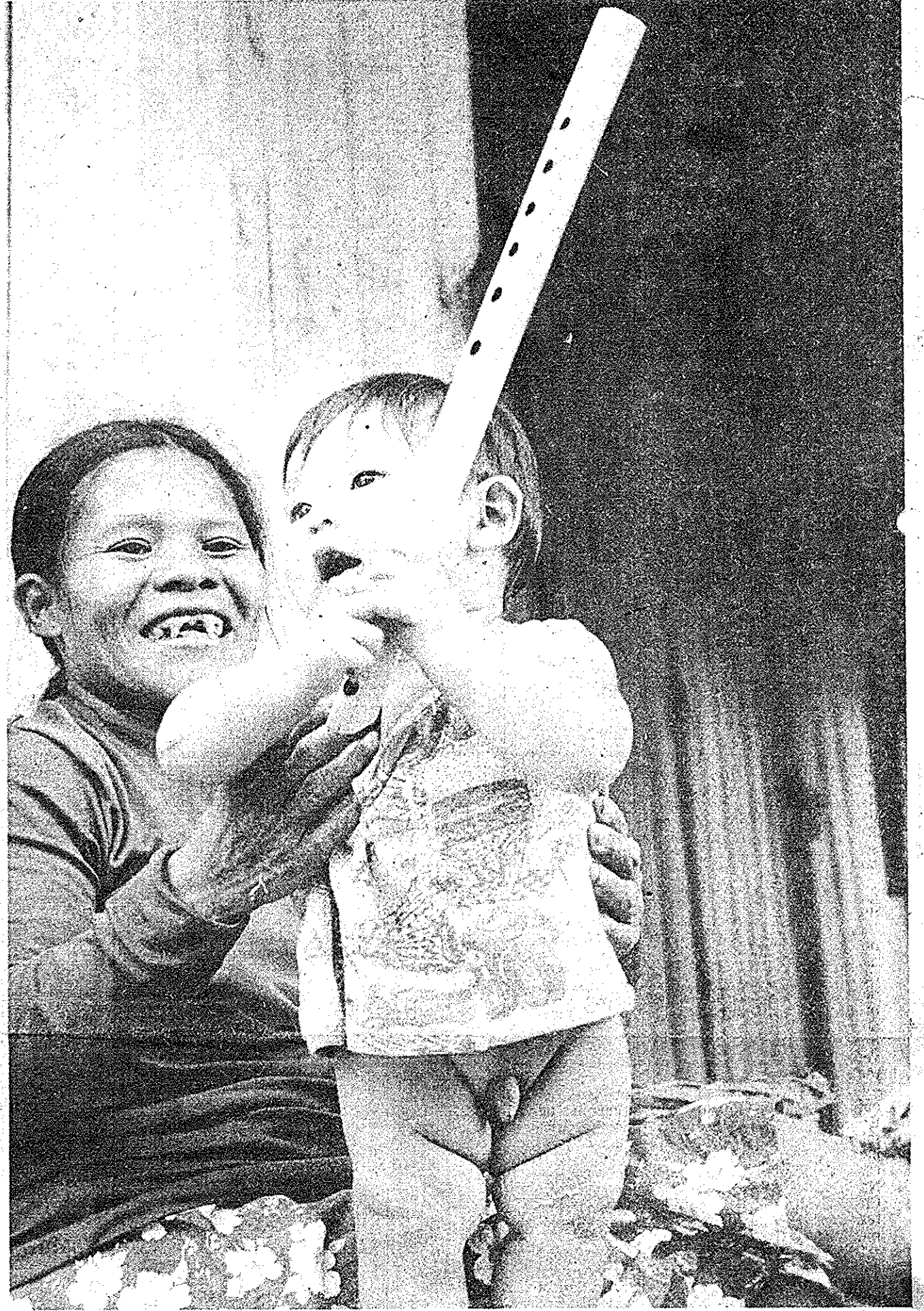
"Caça? uns tatus, uma ou outra raposa e uma paca por ano"

nham os homens da vacina, as crianças corriam mato a dentro e só voltavam depois deles terem ido embora. Daí eu sugeri que eles dessem balinhas às crianças cada vez que vacinassem. Sabe o que aconteceu? Todo mundo queria tomar vacina e as crianças entravam duas e três vezes na fila pra tomar outra vez. Assim é com tudo, pode-se evitar as brigas... Olha, a psicóloga consegue tanta coisa..."

Os índios de Peruíbe se esqueceram também das formas variadas de agricultura que cultivavam seus antepassados. José Eugênio, o velho, só sabe dizer que "isso de raiz de batata se espalhar pelo chão existe desde que o mundo é mundo". Ninguém mais faz tapioca, pois, como conta João Samuel, "é muito difícil fazer aquela peneira tão fininha".

Também a tradicional pesca de lança "não dá mais", diz Gino. "Não tem mais peixes grandes". E a caça foi resumida a uns poucos tatus, mucuras, raposas, escassos veados e uma paca por ano. Há muitas cobras — Jarracaras, corais e outras — mas poucos comem sua carne. No mais, são muricocas em nuvens e nuvens, que as fazendas em torno espantam para a reserva, com o uso de pesticidas que espalham sobre os bananais.

Assim, vai morrendo um dos últimos grupos de Guaranis, a menor de 70 quilômetros de São Vicente, a primeira vila desta Terra de Santa Cruz.



Agora os guaranis fabricam flautas e armas ao gosto dos turistas, para sobreviverem.

A morte, no silêncio da Funai

Desacorçoado (como diz o velho José Eugênio), o responsável pelo posto indígena de Peruíbe, Ronaldo Lima de Oliveira, começou hoje a redigir mais um relatório e pedido de programa de subsistência para os índios. Na verdade, conta ele, este vai ser mais uma cópia dos anteriores, relatando as modificações, para pior, durante o intervalo. A antropóloga Maria Bernadete Arantes Nogueira Francischini esteve na reserva em novembro último e propôs um planejamento de subsistência, no qual a Funai deveria dar alguns sacos de sementes aos índios. A época do plantio passou e nada aconteceu.

Essa defasagem entre as necessidades da aldeia e o trabalho da Funai não é nova e tem várias causas. Entre elas, uma disputa burocrática, de jurisdições: a ajuda de Bauru acha que Peruíbe não é de sua jurisdição, mas sim da delegacia de Curitiba — que não a considera de sua alçada. Soube-se, inclusive, que a ajuda de Bauru já recebeu verba para o posto de Peruíbe, mas devolveu a Brasília.

Enquanto isso, o relatório de Ronaldo vai apontar que em 95% das casas há pestes de pulga e ratos, que as doenças mais comuns na aldeia são tuberculose, pneumonia e até venéreas (quando as mulheres vão à cidade oferecer artesanato e não o conseguem, se prostituem, trazendo à comunidade todo tipo de doenças).

O programa de subsistência proposto custaria uns 120 mil cruzeiros, mas a Funai nem sequer acusa o recebimento dos relatórios. No entanto, Ronaldo já participou de um curso de antropologia, na Ilha do Bananal, que custou duas ou três vezes esse dinheiro. "Os ensinamentos a gente guarda na cabeça, pois não há como aplicar", diz.

Nesta época do ano, aparecem alguns turistas que, além de comprar artesanato, doam agasalhos e comida aos índios. Para produzir algum calor, muitos quebram parte das casas de madeira e queimam. Afinal, eles odeiam as casas, que ficam inundadas a cada chuva. Uma ou duas vezes por ano.



São muitas as reclamações dos índios, mas o representante da Funai, Ronaldo Lima de Oliveira, quase nada pode fazer.

aparece na aldeia uma equipe composta por um médico, um dentista, um enfermeiro e um laboratorista. Eles chegam às 10 horas da manhã, às 11 voltam ao hotel para almoçar, voltam às 4 da tarde e às 5 vão embora por causa das muricocas que acabam de chegar.

Durante toda semana, todo mês, todo ano, a comida não muda: banana

Tanto os nascimentos quanto o nível de sobrevivência são baixos na comunidade. No ano passado, nasceram seis crianças e morreu uma, o que dá um índice de quase 20% de mortalidade infantil. Depois de um período de amamentação, as crianças passam a se alimentar quase só de banana. Se sobreviverem à infância, terão vida relativamente longa. Ou, pelo menos, vão morrer em outro

lugar, como em Araribá (reserva do município de Bauru).

O posto indígena de Peruíbe conta com a casa do chefe do posto e de seu auxiliar, de uma enfermaria e de uma escola, com o material mínimo necessário. No entanto, não há professor nem pessoal habilitado para usar essas dependências. Ronaldo já fez várias tentativas individuais e não conseguiu quase nada.

O proprietário da fazenda que rodeia a reserva fez um picadão (picada larga) em torno do que ele acha sejam os limites de sua propriedade. Os índios dizem que ele avançou sobre a reserva, mas nunca ninguém verificou isso.

O general Ismarth de Oliveira, presidente da Funai, no último dia 19, Dia do Índio, visitou todos os postos indígenas do Estado, menos o de Peruíbe. Em setembro passado, anunciou que o visitaria, mas não foi. O posto não tem correio, telégrafo ou telefone. O único veículo do posto era um Volkswagen de Ronaldo que,

há um mês, está estragado. Agora, os índios contam apenas com o ônibus circular, que passa a quase 8 quilômetros de distância, quatro vezes por dia.

Ronaldo já comunicou à Funai a presença do espanhol do alambique em terreno indígena umas 10 vezes. Até agora nenhuma providência foi tomada. Segundo Ronaldo, "é só a Funai querer e tira o espanhol daqui".

A aldeia conta com somente três pocos de água, um deles do próprio posto. A maioria dos índios recolhe água das fontes na beirada da montanha. O lixo é jogado em volta das casas.

O chefe do posto indígena de Peruíbe solicitou à Funai por diversas vezes uma oportunidade de fazer um intercâmbio cultural com os índios do norte do país (com os quais ele tem experiência) para tentar reviver a identidade comunitária que deveria ser própria dos índios. A Funai se negou, sem expor as razões.